

LUCINDA RILEY

*UMA ESPIA NO MEU
PASSADO*

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

MÁRIO DIAS CORREIA

POEMAS TRADUZIDOS E ADAPTADOS POR

MARIA DA GRAÇA BERTAL

ASA

1

*Gassin, Sul de França,
Primavera de 1998*

É milie sentiu afrouxar a força dos dedos que lhe apertavam a mão e olhou para a mãe. E enquanto olhava, foi como se, ao mesmo tempo que a alma abandonava aquele corpo, a dor que distorcera as feições de Valérie desaparecesse também, permitindo-lhe ver para lá do rosto emaciado e recordar a beleza que em tempos possuía.

– Ela deixou-nos – murmurou desnecessariamente Phillipe, o médico.

– Sim.

Ouviu, atrás de si, o médico murmurar uma oração, mas não lhe ocorreu sequer juntar-se-lhe na prece. Em vez disso, ficou a olhar com mórbido espanto para o amontoado de carne que se ia rapidamente acinzentando e que era tudo o que restava da presença que dominara a sua vida durante trinta anos. Quis instintivamente tocar na mãe para a acordar, porque a transição da vida para a morte – dada a força da Natureza que Valérie de la Martinières tinha sido – era mais do que os seus sentidos conseguiam aceitar.

Não tinha a certeza do que sentia. Ao fim e ao cabo, imaginara muitas vezes aquele momento ao longo das últimas semanas. Desviou os olhos do rosto morto da mãe e ficou a ver, através da janela aberta, os fiapos de nuvens que pendiam do céu azul como merengues que

não tivessem ainda ido ao forno. Ouviu o débil grito de uma cotovia que tinha vindo anunciar a primavera.

Pôs-se lentamente de pé, as pernas rígidas da longa noite sentada em vigília, e aproximou-se da janela. A vista matinal nada tinha dos tons carregados que o decorrer das horas acabaria por trazer. A Natureza pintara o quadro de fresco, como fazia diariamente, a suave paleta provençal de castanhos, verdes e azuis a dar suavemente as boas-vindas ao novo dia. Contemplou, para lá do terraço e dos jardins, as vinhas onduladas que rodeavam a casa e se estendiam até onde o olhar alcançava. Era um espetáculo magnífico, que se mantinha inalterado há séculos. O Château de la Martinières fora o santuário da sua infância, um lugar de paz e segurança cuja tranquilidade lhe ficara indelevelmente marcada em cada sinapse do cérebro.

E agora era dela, embora não soubesse se os excessos financeiros da mãe tinham deixado o suficiente para lhe permitir continuar a mantê-lo.

– Mademoiselle Émilie, deixo-a sozinha para que possa despedir-se.
– Como um intruso, a voz do médico forçou a entrada nos seus pensamentos. – Vou para baixo preencher a papelada necessária. Lamento muito – acrescentou e, com uma pequena vénia, saiu do quarto.

E eu, lamento...?

A pergunta perpassou-lhe, inopinada, pelo espírito. Regressou à cadeira e voltou a sentar-se, a tentar encontrar respostas para as muitas questões que a morte da mãe levantava e que exigiam solução, para somar e subtrair as colunas emocionais que se contradiziam e chegar a um sentimento definitivo. O que era, claro, impossível. A mulher que jazia tão pateticamente imóvel – tão inofensiva, agora, e no entanto uma influência tão perturbadora enquanto vivera – traria sempre consigo o desconforto da complexidade.

Valérie dera vida à filha, alimentara-a e vestira-a e proporcionara-lhe um teto sólido. Nunca lhe batera nem a tratara mal.

Simplesmente, nunca reparara nela.

Valérie fora – Émilie procurou a palavra – *desinteressada*. O que a tornara a ela, como filha, invisível.

Estendeu a mão e pousou-a na da mãe.

– Não me via, *maman*... não me via...

Estava dolorosamente consciente de que o seu nascimento fora uma relutante aquiescência à necessidade de dar um herdeiro à linhagem dos de la Martinières; um requisito baseado no dever, não no desejo maternal de ter um filho. Confrontada com uma «herdeira» em vez do varão que se lhe exigia, Valérie desinteressara-se ainda mais. Demasiado velha para voltar a conceber – Émilie nascera quando a mãe já chegara, com quarenta e três anos, aos derradeiros vigores da fertilidade –, Valérie prosseguira a sua vida como uma das mais encantadoras, generosas e belas anfitriãs de Paris. O nascimento de Émilie, e a sua subsequente presença, parecera revestir tanta importância para ela como a aquisição de mais um *chihuahua* para juntar aos três que já tinha. Como os cães, Émilie era tirada do quarto das crianças para que *maman* lhe fizesse umas festas, quando tinha vontade. Os cães tinham ao menos o consolo uns dos outros, pensou, ao passo que ela passara sozinha grande parte da sua infância.

O facto de ter herdado as feições dos de la Martinières em vez da brancura loura e delicada dos antepassados eslavos da mãe também não ajudara. Fora uma criança robusta, a pele morena e os espessos cabelos cor de mogno – aparados de seis em seis semanas – um legado genético do pai, Édouard.

– Olho para si, minha querida, e tenho dificuldade em acreditar que foi a criança que dei à luz! – comentava por vezes a mãe numa das raras visitas que fazia ao quarto das crianças antes de sair para a ópera. – Mas ao menos tem os meus olhos.

Havia ocasiões em que desejava poder arrancar das órbitas os globos de um azul profundo e substituí-los pelos belos olhos cor de avelã do pai. Achava que não se ajustavam ao seu rosto e, além disso, sempre que olhava através deles para o espelho, via a mãe.

Muitas vezes parecia-lhe que nascera sem qualquer dom que a mãe pudesse valorizar. Iniciada no *ballet* aos três anos, descobrira que o seu corpo recusava contorcer-se nas posições exigidas. Enquanto as outras raparigas esvoaçavam pelo estúdio como borboletas, ela esforçava-se por encontrar um pouco de graça física. Os seus pés pequenos

e largos gostavam de estar firmemente plantados na terra e qualquer tentativa para separá-los dela resultava em fracasso. As lições de piano tinham sido igualmente desastrosas, e quanto a cantar, era irremediavelmente desafinada.

Até o corpo conspirava contra ela, acomodando-se mal aos vestidos femininos que a mãe a obrigava a usar se havia alguma *soirée* nos magníficos roseirais do jardim das traseiras da casa de Paris, cenário das famosas festas de Valérie. Sentada num canto, via, maravilhada, as mulheres encantadoras, elegantes e belas que deslizavam por entre os convidados com tão gracioso profissionalismo. Durante os muitos eventos sociais na casa de Paris, e depois no *château* em Gassin, mantinha-se sempre muda e constrangida. Parecia que, além de tudo o mais, não herdara nenhum do à-vontade social da mãe.

E no entanto, para alguém de fora poderia parecer que tinha tudo. Uma infância de conto de fadas: viver numa bela casa em Paris, descendente de uma linhagem da nobreza francesa secular e com um património herdado ainda intacto depois dos anos de guerra era um cenário com que muitas outras jovens francesas só podiam sonhar.

Ao menos, tivera o seu adorado *papa*. Apesar de pouco mais desvelado em relação a ela do que *maman*, devido à sua obsessão pela cada vez mais vasta coleção de livros raros que mantinha no *château*, prodigalizava-lhe, quando Émilie conseguia atrair-lhe a atenção, o amor e o afeto que ela tanto ansiava.

O *papa* tinha sessenta anos quando ela nascera e morrera quando ela tinha catorze. O tempo passado juntos fora raro, mas Émilie compreendera que herdara dele grande parte da sua personalidade. Édouard era calado e meditativo, preferindo os seus livros e a paz do *château* ao constante fluxo de novos conhecidos que *maman* introduzia nas suas casas. Émilie perguntara-se muitas vezes como fora possível dois polos tão diametralmente opostos apaixonarem-se. E no entanto, Édouard parecia adorar a jovem esposa, nunca se queixava do extravagante estilo de vida que ela levava, apesar de ele próprio viver muito mais frugalmente, e orgulhava-se da sua beleza e da popularidade de que gozava na cena social parisiense.

E muitas vezes, quando o verão chegava ao fim e era tempo de regressar a Paris com a mãe, Émilie suplicara ao pai que a deixasse ficar.

– *Papa*, adoro estar aqui no campo consigo. Há uma escola na aldeia... Podia estudar lá e tomar conta de si, porque deve sentir-se tão só aqui no *château* sem mais ninguém.

Édouard acariciava-lhe ternamente o queixo, mas abanava a cabeça.

– Não, pequenina. Por muito que te ame, tens de voltar a Paris para estudares as tuas lições e aprenderes a ser uma senhora como a tua *maman*.

– Mas, *papa*, eu não quero voltar com a *maman*, quero ficar aqui consigo...

E então, quando tinha treze anos... Émilie piscou os olhos para conter as súbitas lágrimas, ainda incapaz de voltar ao momento em que o desinteresse da mãe se transformara em abandono. Iria sofrer as consequências pelo resto da sua vida.

– Como *pôde* não ver o que estava a acontecer-me, *maman*? Eu era sua filha!

O súbito frémito de uma das pálpebras de Valérie fê-la dar um salto, com medo de que *maman* estivesse afinal ainda viva e tivesse ouvido as palavras que acabava de dizer. Treinada a detetar os sinais, procurou com as pontas dos dedos o pulso de Valérie, mas não o encontrou. Fora, evidentemente, o último vestígio físico de vida enquanto os músculos se relaxavam na morte.

– Vou tentar perdoar-lhe, *maman*. Vou tentar compreender, mas neste momento não sei dizer se estou feliz ou triste por ter morrido.

– Sentiu a sua própria respiração tornar-se mais tensa, um mecanismo de defesa contra a dor de dizer em voz alta aquelas palavras. – Amei-a tanto, esforcei-me tanto por lhe agradar, por conseguir o seu amor e a sua atenção, por sentir-me... *digna* de ser sua filha. Meu Deus! Fiz tudo! – Cerrou os punhos. – Era a minha *mãe*!

O som da sua própria voz a ecoar no grande quarto fê-la calar-se, chocada. Olhou para o brasão familiar dos de la Martinières, pintado duzentos e cinquenta anos antes na majestosa cabeceira. Já a perder a

cor, os dois javalis envolvidos em combate com a onnipresente *fleur-de-lis* e a máxima, «A Vitória É tudo», desenhada por baixo, mal se distinguiam.

Estremeceu, apesar de o quarto estar aquecido. O silêncio do *château* era ensurdecedor. Uma casa em tempos cheia de vida era agora uma casca vazia que albergava apenas o passado. Olhou para o anel de sinete que usava no dedo mínimo da mão direita e que reproduzia em miniatura o brasão da família. Era ela a última dos de la Martinières.

Sentiu repentinamente sobre os ombros o peso de séculos de antepassados, e a tristeza de uma nobre e grande linhagem reduzida a uma mulher de trinta anos, solteira e sem filhos. A família suportara as devastações de centenas de anos de brutalidade, mas, no espaço de meio século, as duas guerras mundiais tinham visto apenas o pai dela sobreviver.

Pelo menos, não haveria as habituais e sórdidas disputas a propósito da herança. Nos termos de uma ultrapassada lei napoleónica, todos os irmãos e irmãs herdavam igualmente as propriedades dos pais. Muitas famílias tinham sido levadas à beira da ruína por um filho que recusava vender. Infelizmente, naquele caso, *les héritiers en ligne directe* resumiam-se a ela.

Suspirou. Era possível que tivesse de vender, mas esses eram pensamentos para outro dia. Agora, era tempo de dizer adeus.

– Descanse em paz, *maman*.

Depôs um beijo na testa já acinzentada e benzeu-se. Ergueu-se cansadamente da cadeira e saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

Duas semanas mais tarde

Émilie pegou na chávena de *café au lait* e no *croissant* e levou-os, pela porta da cozinha, para o pátio das traseiras da casa, onde o aroma das alfazemas perfumava o ar. O *château* estava voltado a sul, o que fazia daquele lugar o melhor sítio para apanhar o sol matinal. O magnífico dia de primavera estava suficientemente ameno para permitir o uso de uma simples *T-shirt*.

Na tarde do funeral da mãe, em Paris, chovera ininterruptamente durante toda a cerimónia. Mais tarde, na reunião de familiares e amigos – que acontecera no Ritz, a pedido expresso de Valérie –, Émilie aceitara as condolências dos grandes e famosos. As senhoras, a maior parte com uma idade semelhante à da mãe, vestiam todas de preto e tinham-lhe feito lembrar uma assembleia de velhos corvos. Uma variedade de antiquados chapéus disfarçava cabeleiras já rarefeitas enquanto passeavam de um lado para o outro a bebericar champanhe, os corpos emaciados pelos anos, a maquilhagem a esconder como uma máscara a pele flácida.

Nos seus tempos áureos, tinham sido consideradas as mais belas e poderosas mulheres de Paris. Mas a roda da vida passara por cima delas e substituíra-as por uma nova geração de «gente bonita». Cada uma daquelas mulheres estava simplesmente à espera de morrer, pensara Émilie, a sentir-se dominada por uma emoção piegas quando saíra

do hotel e apanhara um táxi de regresso ao apartamento. Profundamente infeliz, bebera muito mais do que estava habituada e acordara no dia seguinte com uma ressaca.

Mas, ao menos, o pior tinha passado, disse a si mesma, para se confortar, enquanto bebia um golo de café com leite. Naquelas duas últimas semanas, tivera muito pouco tempo para pensar noutra coisa que não fosse os preparativos do funeral. Sabia que, no mínimo, devia à mãe o género de despedida que a própria Valérie teria organizado sem qualquer dificuldade. Dera por si torturada pela dúvida sobre se devia mandar servir bolos de creme ou *petit fours* com o café e a perguntar-se se as opulentas rosas creme de que a mãe tanto gostava eram suficientemente dramáticas para a decoração das mesas. Era o género de decisões que Valérie tomava todas as semanas, e Émilie sentia um novo e relutante respeito pela facilidade com que o fazia.

E agora – voltou o rosto para o sol, a deliciar-se no seu reconfortante calor – tinha de pensar no futuro.

Gérard Flavier, o *notaire* da família, que se ocupava dos aspetos legais e das questões que tivessem a ver com as propriedades dos de la Martinières, tinha partido de Paris para ir encontrar-se com ela no *château*. Até que ele lhe revelasse qual era a situação financeira da herança, não valia muito a pena fazer planos. Tirara um mês de licença no emprego para lidar com aquilo que ia de certeza ser um processo complexo e demorado. Desejou ter irmãos com quem partilhar o fardo; as minúcias legais e as finanças não eram o seu ponto forte. A responsabilidade aterrorizava-a.

Sentiu uma pelagem macia roçar-lhe o tornozelo, olhou para baixo e viu *Frou-Frou*, a única sobrevivente do grupo de *chihuahuas* da mãe, a olhar tristemente para ela. Pegou na velha cadela, pousou-a nos joelhos e fez-lhe festas atrás das orelhas.

– Parece que só restamos nós as duas, *Frou* – murmurou. – Vamos ter de tomar conta uma da outra, não é?

A expressão ansiosa dos olhos meio cegos de *Frou-Frou* fê-la sorrir. Não sabia muito bem como ia cuidar da cadela no futuro. Apesar de ter o sonho de poder um dia rodear-se de animais, a exiguidade do seu

apartamento no Marais e as muitas horas que dedicava ao trabalho não lhe proporcionavam as melhores condições para ter a seu cargo uma cadela que fora criada no colo do luxo físico e emocional.

E no entanto, tratar e cuidar de animais era o que fazia todos os dias. Émilie vivia para os seus vulneráveis clientes, que não tinham a possibilidade de lhe dizer como se sentiam ou onde lhes doía.

«É triste que a minha filha prefira a companhia de animais à de seres humanos...»

As palavras resumiam bem o que Valérie pensava a respeito da maneira como a filha vivia. Quando Émilie anunciara que queria ir para a universidade e licenciar-se em Medicina Veterinária, Valérie franzira os lábios num trejeito de desagrado.

– Não consigo compreender como é que pode querer passar a vida a abrir pobres animais e a espreitar para dentro deles.

– *Maman*, esse é o processo, não a razão. Adoro animais, quero ajudá-los – respondera ela, na defensiva.

– Se tem de ter uma carreira, porque não pensar na moda? Tenho uma amiga na revista *Marie Claire* que de certeza conseguirá arranjar-lhe qualquer coisa que fazer. Claro que, quando casar, não vai querer continuar a trabalhar. Tornar-se-á uma esposa, e será essa a sua vida.

Apesar de não culpar Valérie por ter ficado presa no tempo, Émilie não conseguia impedir-se de desejar que a mãe tivesse tido algum orgulho nos êxitos da filha. Completara o curso com a melhor nota do ano e fora imediatamente admitida como estagiária numa conhecida clínica parisiense.

– Talvez a *maman* tivesse razão, *Frou* – disse, com um suspiro. – Talvez eu prefira os animais às pessoas.

Ouviu o som do saibro esmagado pelos pneus de um carro, pousou *Frou-Frou* no chão e deu a volta até à parte da frente da casa para receber Gérard.

– Émilie, como está? – cumprimentou-a Gérard Flavier, com um beijo em cada face.

– Bem, obrigada – respondeu. – Que tal a viagem?

– Apanhei um avião até Nice e aluguei lá um carro para me trazer até aqui – disse Gérard, enquanto entrava e se detinha no amplo vestíbulo, que as portadas fechadas mergulhavam em sombras. – Fiquei feliz por poder fugir de Paris e visitar um dos meus lugares preferidos em França. A primavera no Var é sempre deliciosa.

– Achei que era melhor encontrarmo-nos aqui no *château* – concordou Émilie. – Os papéis dos meus pais estão na secretária da biblioteca e calculo que vai precisar deles.

– Sim. – Gérard afastou-se alguns passos pelo já muito desgastado chão de mármore e olhou para uma mancha de humidade no teto por cima deles. – O *château* está a precisar de atenção e cuidados, não está? – Suspirou. – Envelhece, como todos nós.

– Passamos pela cozinha? – sugeriu Émilie. – Tenho café.

– É mesmo do que estou a precisar – disse Gérard com um sorriso, e seguiu-a pelo corredor que levava às traseiras da casa.

– Sente-se, por favor – disse Émilie, indicando uma cadeira junto à comprida mesa de carvalho e dirigindo-se ao fogão para voltar a ferver a água.

– Não há aqui muitos luxos, pois não? – comentou Gérard, a examinar a divisão parcamente mobilada e estritamente utilitária.

– Não – concordou Émilie. – Mas a verdade é que só era usada pelas criadas para dar de comer à família e aos convidados. Duvido que a minha mãe tenha alguma vez posto as mãos no lava-louça.

– Quem se ocupa agora do castelo e das suas necessidades domésticas? – perguntou Gérard.

– Margaux Duvall, a governanta, que está cá há mais de quinze anos. Vem todas as tardes, da aldeia. A *maman* despediu todo o restante pessoal depois de o meu pai ter morrido e deixou de vir cá passar o verão regularmente. Penso que preferia fazer férias no iate que alugava.

– Sim, a sua mãe gostava de gastar dinheiro – disse Gérard, enquanto Émilie lhe punha à frente uma chávena de café. – Nas coisas que eram importantes para ela – acrescentou.

– Das quais o *château* não fazia parte – disse Émilie, francamente.

– Pois não – concordou ele. – Pelo que vi das finanças dela até ao momento, parecia preferir os encantos da casa Chanel.

– A *maman* gostava de alta-costura, eu sei. – Émilie sentou-se em frente dele, com a sua chávena de café. – Ainda no ano passado, quando já estava tão doente, continuava a assistir aos desfiles de moda.

– A Valérie era sem dúvida uma personagem... e famosa. O seu falecimento ocupou muito espaço nas colunas de jornais e revistas. O que aliás não espanta. Os de la Martinières são uma das famílias mais conhecidas de França.

– Eu sei. – Émilie fez uma careta. – Também li os jornais. Ao que parece, vou herdar uma fortuna.

– É verdade que a sua família foi em tempos fabulosamente rica. Infelizmente, Émilie, o mundo avançou. O nobre nome da sua família continua a existir, mas a fortuna não.

– Foi o que pensei – disse Émilie, que não pareceu surpreendida.

– Talvez se tenha apercebido de que o seu pai não era um homem de negócios – continuou Gérard. – Era um intelectual, um académico com muito pouco interesse em questões de dinheiro. Apesar das muitas vezes que falei com ele a respeito de investimentos, de planear um pouco o futuro, nunca se interessou. Há vinte anos, pouca diferença fazia, havia muito. Mas entre o descaso do seu pai e o gosto da sua mãe pelas coisas boas da vida, a fortuna diminuiu substancialmente. – Gérard suspirou. – Lamento ser portador de más notícias.

– Já estava à espera disto, e para mim não tem a mais pequena importância – confirmou Émilie. – Só quero tratar do necessário e voltar ao meu trabalho em Paris.

– Receio, Émilie, que a situação não seja assim tão simples. Como disse de início, ainda não tive tempo para aprofundar os pormenores, mas o que posso dizer-lhe é que a herança tem credores, muitos. E esses credores têm de ser pagos o mais rapidamente possível – explicou Gérard. – A sua mãe conseguiu um saque a descoberto de quase vinte milhões de francos sobre a casa de Paris. É possível que tenha outras dívidas, que será preciso pagar.